


PRODUTOS TÉCNICOS EM EDUCAÇÃO: REFLEXÕES E PERSPECTIVAS

PRODUCTOS TÉCNICOS EN EDUCACIÓN: REFLEXIONES Y PERSPECTIVAS


Recebido em: 02/06/2026

Aceito em: 15/06/2026

Publicado em: 28/06/2026

Márcia Cristina Cabreira Rodrigues¹ 
Universidade Federal do Pampa

Fátima Regina Zan² 
Instituto Federal Farroupilha

Carmem Regina Nogueira³ 
Universidade Federal do Pampa

Resumo: Este texto dedica-se a uma breve análise e reflexão, à luz de bibliografia específica e de experiências pessoais, sobre inovação e criação de produtos técnicos, anteriormente utilizados com maior frequência na área econômica e, atualmente, também direcionados à área da Educação, especialmente com a criação dos Mestrados Profissionais. Na sequência, dedicaremos espaço à descrição e à justificativa da criação do produto técnico que propomos para o Mestrado Profissional em Ciências Humanas, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), Campus São Borja, apresentando o objetivo geral e os objetivos específicos que nortearão sua elaboração. O produto proposto será um e-book interdisciplinar, envolvendo, principalmente, as disciplinas de História e Geografia de São Borja, destinado ao quarto ano do Ensino Fundamental das escolas municipais, uma vez que essa etapa contempla, de modo específico, a mediação de conhecimentos relacionados à História e à Geografia locais. Para isso, será considerado o Documento Orientador Municipal (DOM), elaborado a partir das habilidades e competências presentes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e no Referencial Curricular Gaúcho (RCG). Essas reflexões nos conduzirão a breves, porém importantes, considerações sobre currículo, multiculturalidade e ensino e aprendizagem da História e da Geografia nos anos iniciais. Por fim, não pretendemos apresentar nosso produto técnico como uma panaceia, mas como um dos muitos meios possíveis para superar currículos engessados, políticas governamentais opressoras e uma sociedade preconceituosa e egocêntrica, conferindo aos educadores e, sobretudo, aos educandos, maior capacidade de reflexão, crítica e ação para a formação de uma sociedade mais justa.

Palavras-chave: Produtos Técnicos; Inovação; Anos Iniciais; História e Geografia Local; Currículo; Multiculturalidade.

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Humanas (PPGCH) da Universidade Federal do Pampa, Campus São Borja, RS. E-mail: marciarodrigues.aluno@unipampa.edu.br

² Doutorado em Ciência da Propriedade Intelectual pela Universidade Federal de Sergipe – UFS (2017), com doutorado sanduíche na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, em Vila Real – UTAD/Portugal. Atualmente é docente EBTT no Instituto Federal Farroupilha, no Eixo de Gestão e Negócios. Professora do Programa de Pós-graduação em Ciências Humanas da Universidade Federal do Pampa, campus São Borja. E-mail: fatimazan@yahoo.com.br

³ Atualmente é professora adjunta da Universidade Federal do Pampa, Campus São Borja, no município de São Borja/RS. Professora do Programa de Pós-graduação em Ciências Humanas da Universidade Federal do Pampa, campus São Borja. E-mail: carmennogueira@unipampa.edu.br

Resumen: Este texto se dedica a un breve análisis y reflexión, a la luz de bibliografía específica y de experiencias personales, sobre la innovación y la creación de productos técnicos, anteriormente utilizados con mayor frecuencia en el área económica y, actualmente, también orientados al área de la Educación, especialmente con la creación de los Programas de Maestría Profesional. A continuación, dedicaremos espacio a la descripción y justificación de la creación del producto técnico que proponemos para la Maestría Profesional en Ciencias Humanas, vinculada al Programa de Posgrado en Ciencias Humanas de la Universidade Federal do Pampa (Unipampa), Campus São Borja, presentando el objetivo general y los objetivos específicos que orientarán su elaboración. El producto propuesto será un e-book interdisciplinario, que involucrará, principalmente, las disciplinas de Historia y Geografía de São Borja, destinado al cuarto año de la Educación Primaria de las escuelas municipales, ya que esta etapa contempla, de manera específica, la mediación de conocimientos relacionados con la Historia y la Geografía locales. Para ello, se considerará el Documento Orientador Municipal (DOM), elaborado a partir de las habilidades y competencias presentes en la Base Nacional Común Curricular (BNCC) y en el Referencial Curricular Gaúcho (RCG). Estas reflexiones nos conducirán a breves, pero importantes, consideraciones sobre currículo, multiculturalidad y enseñanza y aprendizaje de la Historia y la Geografía en los primeros años escolares. Finalmente, no pretendemos presentar nuestro producto técnico como una panacea, sino como uno de los muchos medios posibles para superar currículos rígidos, políticas gubernamentales opresoras y una sociedad prejuiciosa y egocéntrica, otorgando a los educadores y, sobre todo, a los educandos, una mayor capacidad de reflexión, crítica y acción para la formación de una sociedad más justa.

Palabras clave: Productos técnicos; Innovación; Primeros años escolares; Historia y Geografía local; Currículo; Multiculturalidad.

INTRODUÇÃO

Entre as novas perspectivas voltadas à inovação na Educação, destaca-se a criação de produtos técnicos oriundos de Mestrados e Doutorados Profissionais. Esses produtos têm como finalidade qualificar e renovar as metodologias de ensino, contribuindo para o trabalho pedagógico desenvolvido nas escolas, junto aos professores e em sala de aula, nas diferentes etapas da Educação Básica.

Esses elementos vêm ao encontro dos anseios de educadores, estudiosos e teóricos sobre os processos de ensino e aprendizagem, no sentido de dar novos vieses para conteúdos, currículos ou mesmo disciplinas. Sendo assim, este texto pretende trazer uma reflexão de como os produtos técnicos podem e devem vir a ser elementos que possam inovar a educação, ou ainda uma determinada região ou grupo social.

Com isto em mente, pretende-se apresentar, neste texto, uma reflexão sobre as definições e funções de produtos técnicos, voltados principalmente para a educação, e apresentar uma, das muitas que podem surgir, sugestão de produto técnico, especificamente para ser desenvolvido com o quarto ano do Ensino Fundamental, nas escolas municipais de São Borja, Rio Grande do Sul, para contemplar, à luz do Documento Orientador Municipal (DOM), documento este advindo das reflexões do Referencial Curricular Gaúcho (RCG) e, em consequência, da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que traz, especificamente

em seu texto, elementos para trabalhar a História e a Geografia local, em um caráter interdisciplinar.

Para enriquecer nossas reflexões, faremos diálogos com autores que nos auxiliem a refletir sobre o ensino e aprendizagem da História e Geografia local, de maneira interdisciplinar, além de contemplar a possibilidade de utilizarmos temas transversais, sob a luz da multiculturalidade e também com premissas que, pelo menos o educador de sala de aula, mostre aos educandos uma perspectiva de currículo pós-crítico.

Todos esses elementos e assuntos, citados acima, compõem um arcabouço de disciplinas estudadas no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Pampa, Unipampa, Campus São Borja, mais especificamente no Mestrado Profissional em Ciências Humanas.

DESENVOLVIMENTO

A busca por inovação nas metodologias de ensino, bem como a criação de produtos técnicos em Mestrados Profissionais em todo o Brasil, intensificou-se, principalmente, diante das necessidades evidenciadas após a paralisação das escolas em decorrência da pandemia de COVID-19, entre março de 2020 e quase o fim de 2021. Esse período ocasionou um verdadeiro caos nas áreas da Saúde e da Educação, exigindo dos professores, em um primeiro momento, a organização de materiais físicos para que os alunos levassem para casa, resolvessem as atividades e, posteriormente, as devolvessem à escola. Em seguida, houve a organização de materiais digitais e, por fim, no caso de algumas instituições, principalmente particulares, a realização de aulas híbridas, ou seja, com a entrega de materiais físicos e, simultaneamente, a oferta de aulas on-line.

No entanto, nem todas as escolas conseguiram realizar aulas on-line. As escolas públicas, em sua maioria, especialmente aquelas localizadas em bairros periféricos, atendiam estudantes de baixa renda ou em situação de vulnerabilidade social, muitos dos quais não possuíam condições de acesso à internet para acompanhar as aulas remotas. Assim, esses estudantes ficaram restritos à retirada de materiais físicos em determinados períodos estipulados pela escola, levando-os para casa e, posteriormente, devolvendo-os para correção.

Essa dinâmica de retirada de materiais físicos gerou outras dificuldades, entre elas a disponibilidade dos pais ou responsáveis para buscar esses materiais, por inúmeras razões que não serão aprofundadas neste texto, por não constituírem seu foco central. Além disso, havia

situações relacionadas ao grau de escolaridade dos responsáveis, uma vez que alguns não eram alfabetizados ou não estavam familiarizados com os conteúdos escolares, o que dificultava o acompanhamento das atividades em casa.

Nesse contexto, de acordo com Oliveira et al. (2020, p. 52865):

A experimentação do ensino remoto evidenciou a desigualdade existente no país. Enquanto que uma parcela da população conta com internet, smartphone, computador e local silencioso para assistir as aulas, em contrapartida, a outra parcela da população brasileira não tem sequer condições de fazer três refeições diárias. Com o isolamento social, esse quadro ficou ainda mais explícito. Portanto, para enfrentar os desafios que surgirão com a volta as aulas, é imprescindível políticas públicas que visem ações através da integração multiprofissional para acolher esses alunos, visando o bem-estar físico, mental, acadêmico e também a não evasão por parte desses alunos.

E os autores continuam,

O retorno a sala de aula ocorrerá de um modo completamente distinto e é utopia pensar que o processo de ensino-aprendizagem será retomado no ponto em que foi deixado quando as atividades escolares foram interrompidas. Diante desse cenário, instituições, professores e alunos entraram em contato com uma nova forma de ensino o que resultou em muito imprevisto na tentativa de implementar algum nível de ensino remoto (Oliveira *et al.*, 2020, p. 52865).

É nessa linha de pensamento que se inserem, ou retornam, a criação de metodologias e materiais capazes de contribuir para a superação das lacunas deixadas por esse longo, caótico e, pode-se dizer, assustador período de isolamento. Assim, a criação de produtos técnicos, antes associada principalmente ao contexto empresarial e ao mercado capitalista, passa, na atualidade, a atender também às necessidades das escolas, especialmente no que se refere à produção de materiais que auxiliem na reorganização do processo de ensino e aprendizagem.

Desse modo, Mattos, Assunção e Batista (2020, p. 6) expõem:

[...] os produtos técnicos, que são considerados um importante resultado de um mestrado profissional e possuem como objetivo a aplicação do conhecimento adquirido de forma a contribuir para a solução de problemas reais da sociedade, propor melhorias nos processos e inovar, a partir da integração entre teoria e prática.

Conforme vem sendo discutido no âmbito do Mestrado Profissional em Ciências Humanas, ao adquirirmos conhecimentos mais aprofundados por meio de leituras, debates e apresentação de seminários nas disciplinas, passamos a aperfeiçoar (ou devemos aperfeiçoar) as propostas de produtos técnicos apresentadas em nossos projetos de ingresso no curso.

Sendo assim, a citação dialoga com o que precisamos realizar para que nosso produto técnico auxilie na resolução de algum problema que, porventura, a área educacional e social de nossas cidades estejam enfrentando.

Ou seja, trata-se de articular as teorias estudadas em aula à reflexão prática, materializando-as em produtos técnicos capazes de aproximar a academia e a sociedade. Nessa perspectiva, o produto técnico não deve ser compreendido apenas como uma exigência acadêmica, mas como uma estratégia de impacto social, voltada à qualificação de práticas, metodologias e processos nos territórios em que será desenvolvido.

Além disso, esses produtos técnicos podem constituir uma resposta às lacunas que a pandemia trouxe à sociedade e, em especial, às escolas. Para além dos efeitos do isolamento social, as instituições escolares já vinham enfrentando crises em seus espaços, decorrentes de defasagens de aprendizagem, desafios relacionados à inclusão e do acelerado fluxo de informações, impulsionado pelos avanços tecnológicos e pelo uso cotidiano e, em alguns casos, excessivo das redes sociais por crianças e adolescentes.

Em relação ao desenvolvimento tecnológico, Mattos, Assunção e Batista (2020, p. 7) afirmam que:

Um dos impactos do desenvolvimento tecnológico é a melhoria da qualidade de vida das pessoas, que leva a um aumento da expectativa de vida e propicia um encontro de diversas gerações na sociedade – exigindo, então, a convivência de valores culturais diferentes em diversos ambiente, como empresas e escolas. Outros impactos desse desenvolvimento são o aumento da competitividade e o ritmo crescente do surgimento de inovações que exigem uma dinâmica de produção de conhecimento acelerada em diversos setores.

Essa reflexão é desenvolvida a partir de um subtítulo denominado **“Um cenário de caos?”**, o que pode ser compreendido como uma asserção pertinente, uma vez que os motivos apresentados sobre os impactos do desenvolvimento tecnológico na sociedade indicam, de fato, um cenário de instabilidade, especialmente para escolas e empresas.

Nesses espaços, diferentes gerações se relacionam, apresentando posturas, opiniões e modos distintos de ensinar, aprender e realizar tarefas. Em outras palavras, a tecnologia e seus artefatos influenciam diretamente essas relações, que, por sua vez, são tensionadas pelos limites da cognição humana diante da alta velocidade com que as informações surgem diariamente ou, em muitos casos, a todo momento.

A esse cenário de caos, pode-se acrescentar ainda o isolamento social provocado pela pandemia, período em que escolas, empresas e a economia em geral sofreram intensos impactos em suas estruturas, rotinas e formas de organização.

Com base nessa perspectiva, compreende-se que os produtos técnicos, inicialmente desenvolvidos no campo econômico como estratégias para alavancar a venda de novos produtos ou ampliar a circulação de produtos já existentes no mercado, passaram a ocupar outros espaços. Nesse contexto, o termo inovação surge associado à ideia de renovar, aprimorar e criar novas possibilidades, inicialmente voltadas à lógica da economia capitalista e, posteriormente, por meio dos Mestrados Profissionais, direcionadas também à educação e à qualificação de suas metodologias.

Sendo assim, Mattos, Assunção e Batista (2020, p. 7-8) complementam:

O produto técnico, nesse sentido, corresponde à aplicação do conhecimento adquirido na pesquisa de forma a contribuir para a solução de problemas reais da sociedade, para propor melhorias nos processos e/ou apresentar inovações, a partir da integração entre a teoria e a prática, devendo ser construído a partir de conhecimento de qualidade que será obtido com o rigor e a relevância do método científico.

A busca pela qualidade do conhecimento necessário para que nossos produtos técnicos atendam às finalidades para as quais foram criados é importantíssima. A produção acadêmica deve estar sempre consciente de sua responsabilidade perante os sujeitos aos quais direciona seus textos, práticas e intervenções, especialmente em tempos de ampla acessibilidade a sites e informações, nem sempre confiáveis, e, mais recentemente, em um contexto marcado pelo uso quase indiscriminado da Inteligência Artificial (IA).

Nesse sentido, torna-se fundamental que a elaboração de produtos técnicos esteja ancorada em bases teóricas, metodológicas e éticas consistentes, capazes de assegurar sua relevância social, sua aplicabilidade e sua contribuição efetiva para os contextos em que serão desenvolvidos. Para nos auxiliar nessa reflexão, Morosini, Khols-Santos e Bittencourt (2021, p. 19) afirmam que:

No mundo contemporâneo, a produção de informações cresce exponencialmente sem controle de meios oficiais. A *web* é livre e pensamentos que antes que eram desconhecidos alçam voz numa velocidade inimaginável, e se tornam visíveis. A ciência defronta-se com a ocupação de espaços em canais antes não considerados

como puros e se vê frente a um dilema de flexibilizar-se, aqui estamos nos referindo à comunicação de seus resultados, ou perder seu poder de domínio do campo.

As autoras, nesta obra, reforçam, em um primeiro momento por meio de fundamentos teóricos e, posteriormente, de orientações práticas, os caminhos que devemos percorrer para que o trabalho científico, ou mesmo o produto técnico, tenha confiabilidade e possa atender às necessidades dos sujeitos para os quais foi criado.

Essas considerações corroboram, mais uma vez, a reflexão de que a velocidade e a amplitude das informações, principalmente por meio da internet, constituem uma preocupação para os meios acadêmicos. Tradicionalmente, a produção científica buscava sustentação em obras de autores reconhecidos e consolidados em seus respectivos campos de pesquisa e conhecimento. No entanto, com a pandemia de COVID-19, milhares de estudantes ficaram afastados das salas de aula e da presença física de seus professores, sendo levados a buscar outros meios para reforçar ou compreender textos, atividades e reflexões exigidos nas aulas híbridas ou on-line.

Como não podiam acessar os espaços físicos das bibliotecas, muitos estudantes recorreram ao ambiente virtual, onde múltiplas perspectivas, interpretações e opiniões sobre os temas estudados estavam disponíveis. Esse cenário produziu uma verdadeira avalanche de conhecimentos e, por vezes, de desconhecimentos, tornando alguns estudantes mais confusos ou, ainda, mais presos a determinadas ideologias e opiniões.

Diante desse dilema, a ciência encontra-se em uma encruzilhada: continuar desenvolvendo conhecimentos da mesma forma que antes da pandemia? Flexibilizar-se, sem, contudo, render-se ao mundo da web? Ou, ainda, reconhecer que a produção científica caminha junto ao desenvolvimento econômico, social, tecnológico e educacional do país?

Portanto, pensar a criação de produtos técnicos exige compreender esse novo cenário informacional, marcado por desafios, disputas e possibilidades. Não se trata apenas de produzir materiais ou metodologias inovadoras, mas de garantir que esses produtos estejam ancorados em rigor científico, responsabilidade ética e compromisso social. Assim, os produtos técnicos podem contribuir para aproximar universidade, escola e sociedade, oferecendo respostas qualificadas às demandas concretas dos sujeitos e territórios aos quais se destinam.

Em função dessas evidências, pode-se afirmar que a concepção de produção científica é bastante complexa, hoje mais ainda, além de congregando relações interdisciplinares de conhecimento, vem sendo assoberbada pelos sinais dos tempos pandêmicos (Morosini, Khols-Santos; Bittencourt, 2021, p. 21).

A colocação das autoras, com a qual concordo pessoalmente, evidencia que a pandemia constituiu um divisor de águas para a produção, disseminação e apreensão de conhecimentos. Milhares de estudantes, pertencentes ao Ensino Fundamental, ao Ensino Médio ou ao Ensino Superior, ficaram fora da sala de aula e, dentro de suas possibilidades, buscaram novas fontes de conhecimento. Nesse processo, depararam-se com inúmeras informações e diferentes pontos de vista sobre os mesmos assuntos, levando essas ideias para a sala de aula no período pós-pandemia. Em alguns casos, tais informações pareciam mais fáceis de compreender e aceitar do que aquelas apresentadas pelos professores, o que levou escolas e universidades a reverem seus meios de produção, mediação e validação do conhecimento.

Com isso, as autoras propõem a revisão das práticas de busca, análise e reflexão sobre o conhecimento, tanto aquele que adquirimos quanto, principalmente, aquele que disseminamos. Surge, então, o termo **Estado do Conhecimento**, que, conforme Morosini, Khols-Santos e Bittencourt (2021, p. 21-22), “é identificação, é registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo, congregando periódicos, teses, dissertações e livros sobre uma temática específica”.

É a partir desses pressupostos que revisamos nosso projeto de Mestrado, cuja proposta consiste na criação de um produto técnico, em formato de e-book interdisciplinar, utilizando as disciplinas de História e Geografia como base para colaborar com o processo de ensino e aprendizagem no quarto ano do Ensino Fundamental das escolas municipais de São Borja, município localizado na Fronteira Oeste do Estado do Rio Grande do Sul. O produto tem como finalidade apresentar textos e atividades que contemplem os conteúdos dessas disciplinas, especialmente no que se refere à História e à Geografia locais, executando, assim, as ideias e práticas propostas pelas autoras citadas, no sentido de construir um produto técnico que atenda às necessidades dos educadores e, principalmente, dos educandos dessa etapa de ensino.

Como base para esse projeto, formulamos a seguinte situação-problema: como ajudar os alunos do 4º ano a compreenderem o tempo histórico e o espaço geográfico em que vivem,

valorizando a cultura e o patrimônio da Região das Missões, por meio de um e-book que proponha atividades interativas e atrativas?

A partir dessa questão, definimos como objetivo geral: propor um e-book com atividades integradas de História e Geografia, alinhadas ao Documento Orientador Municipal (DOM), que possibilite a compreensão do espaço-tempo histórico e geográfico da realidade local, valorizando a cultura e o patrimônio da Região das Missões.

Na sequência, estabelecemos os seguintes objetivos específicos: pesquisar os conteúdos necessários para a integração das disciplinas de História e Geografia; organizar um planejamento anual para as atividades docentes no ensino dessas disciplinas; elaborar estudos para a criação de atividades alinhadas às habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), do Referencial Curricular Gaúcho (RCG) e, principalmente, do Documento Orientador Municipal (DOM); e propor recursos físicos, digitais e ilustrações que facilitem a compreensão dos temas e conteúdos propostos.

A justificativa apresentada ao projeto fundamenta-se na implantação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que orienta a mediação dos conteúdos nas etapas da Educação Básica por meio do desenvolvimento de habilidades e competências. Com isso, tornou-se necessário que estados e municípios adaptassem essas habilidades e competências, em cada disciplina, de modo a contemplar suas particularidades regionais e locais. No caso específico do Rio Grande do Sul, foi criado o Referencial Curricular Gaúcho (RCG) e, no município de São Borja, o Documento Orientador Municipal (DOM).

A partir do DOM, disciplinas como História e Geografia devem contemplar as especificidades do município de São Borja/RS. Em outras palavras, torna-se necessária a criação de materiais didáticos que possam auxiliar não apenas os educadores, mas também os educandos do quarto ano do Ensino Fundamental, na mediação dos conteúdos de História e Geografia local. No entanto, até o presente momento, ainda se observa a ausência de materiais específicos voltados a essa finalidade.

Sobre os materiais didáticos para os anos iniciais, Silva (2013, p. 1) expõe que:

Material didático é um termo polissêmico e multifacetado, produzido com várias materialidades, finalidades e linguagens tendo diversos objetivos pedagógicos e ideológicos. É possível inúmeras formas e modos de utilizações e apropriações, desse artefato no espaço escolar por professores e alunos. Concebe-se ainda como um conjunto de objetos culturais criados ou adaptados para situações de ensino e aprendizado.

Sendo assim, torna-se de suma importância a criação de materiais didáticos específicos para determinadas disciplinas que necessitam explanar, explicar e contextualizar o arcabouço local de um município. Contemplar as especificidades locais, por meio de textos e atividades, auxilia o educando a reconhecer-se como sujeito participante do espaço social em que vive, bem como a conhecer a história pregressa de seu município e de sua comunidade, desenvolvendo um olhar crítico sobre o presente de seu local de vivência.

No entanto, é necessário ter cuidado com o uso de materiais didáticos que não estejam adaptados às realidades locais. Nesse sentido, Silva (2013, p. 4) adverte que:

Os materiais didáticos dentre várias possibilidades de usos, apropriações, adaptações e concepções na sala de aula, podem resultar em duas abordagens de trabalho pedagógico. Primeiramente, esses artefatos educativos potencializam o trabalho educacional, com situações didáticas contextualizadas e dinâmicas, mas por outro lado, esses instrumentos podem ser formas de controle do trabalho do professor na sala de aula. Essa discussão é polêmica, pois alguns professores não tem um entendimento lúcido, que os materiais podem se tornar formas de manipulação e adestramento do trabalho pedagógico por diversos agentes do poder.

Por isso, munir o educador local de um material didático que possa auxiliá-lo na mediação dos conhecimentos de História e Geografia, no quarto ano do Ensino Fundamental, a partir das habilidades e competências previstas na BNCC e reinterpretadas no Documento Orientador Municipal (DOM) de São Borja, mostra-se uma necessidade urgente. Essa urgência decorre da experiência da autora deste projeto, que, durante quatro anos, atuou no quarto ano do Ensino Fundamental sem dispor de material didático direcionado à História e à Geografia local, exceto aqueles elaborados por ela mesma.

Para tanto, além de leituras e reflexões bibliográficas, utilizaremos como metodologia a escuta de educadores das escolas municipais de São Borja que atuam no quarto ano do Ensino Fundamental. Essa escuta será realizada por meio de questionário aplicado pela ferramenta Google Forms®, contendo questões dissertativas e de múltipla escolha.

O objetivo do questionário será identificar as principais dificuldades enfrentadas por esses educadores na elaboração de aulas sobre a História e a Geografia de São Borja; compreender onde buscam materiais para a formulação dessas aulas; e verificar se encontram recursos que atendam às necessidades relacionadas aos conteúdos e ao desenvolvimento das habilidades e competências exigidas pelo DOM.

Nesse contexto, adotaremos uma abordagem quali-quantitativa, que, de acordo com Souza (2018, p. 6):

A aliança entre os métodos qualitativos e quantitativos permite o uso mais compreensivo das pesquisas do que o uso unicamente qualitativo ou quantitativo. A articulação entre os métodos busca corroborar com um resultado de um método com os resultados do outro, utilizar os resultados de um método para auxiliar na interpretação do outro método, descobrir o paradoxo que leva a reconsiderar a questão da pesquisa, além da amplitude no alcance da pesquisa, confrontando seus elementos com um outro método.

Em outras palavras, a pesquisa não deve estar focada apenas no comportamento e nas ideias dos indivíduos pesquisados, tampouco reduzir-se à transformação dos dados em tabulações e gráficos. Sendo assim, a utilização do método quali-quantitativo nos auxiliará na construção de uma percepção mais ampla sobre aquilo que buscamos compreender em nossa pesquisa, considerando que não somos neutros no processo investigativo. Sempre deixamos, ainda que de modo implícito, nossas posturas epistemológicas em relação ao objeto pesquisado.

A partir disso, à luz das habilidades e competências previstas no DOM, buscaremos organizar ideias sobre a criação do material didático, refletindo sobre questões como: de que modo esse material deverá ser desenvolvido? Como os conteúdos devem ser organizados? Como serão estruturados os textos e as atividades? Deverá ser criado um material específico para o educador e outro para o educando? Ressalta-se que essas são questões iniciais, sendo possível que outras surjam no decorrer do processo de reorganização e amadurecimento do projeto.

Essas questões também nos conduzem à tentativa de superar, como proposta, o enfoque engessado presente, principalmente, na disciplina de História, quando o uso das datas comemorativas se torna a única mediação para o desenvolvimento dos conteúdos. Em nossa compreensão, essa forma de abordagem tende a ser sistemática, monovisual e linear, podendo deixar lacunas e não contribuir plenamente para o desenvolvimento crítico dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

A disciplina de Geografia também não está distante desse engessamento, uma vez que a compreendemos como uma parceira constante da História. Ao mediar fatos históricos, torna-se igualmente necessário apresentar o espaço ou território geográfico em que esses

acontecimentos ocorreram, bem como a forma como esse espaço/território estava organizado no período em questão.

Sobre o ensino de História, especialmente por meio das datas comemorativas, Freire (2024, p. 8) expõe sua inquietação:

[...] a respeito da forma com as datas comemorativas eram abordadas em sala de aula. Durante esse período em que mantive contato direto com livros didáticos dos anos iniciais além de participar de reuniões para elaboração de planos de aula, deparei-me com uma inquietação a respeito do modo como as datas comemorativas são abordadas nas escolas. Geralmente, em sala de aula os professores polivalentes abordam esses marcos de forma superficial e estereotipada, enfatizando principalmente o fato de ser feriado. Isso acontece pelo fato, dentre outros, de que poucas são as formações continuadas acerca da disciplina de história para professores polivalentes, em dois anos como auxiliar de sala, por exemplo nunca participei de formação continuada para professores de séries iniciais do Ensino Fundamental que abordasse disciplinas específicas como ciências, geografia e história.

Essa mediação estereotipada, especialmente na disciplina de História, marcada pelo uso recorrente das datas comemorativas para o desenvolvimento da maioria dos conteúdos, acaba deixando de fora muitos sujeitos historicamente invisibilizados pela sociedade, como mulheres, negros, indígenas, homossexuais, entre outros grupos e temáticas que atravessam os temas transversais e que, em nossa experiência, são pouco ou quase nunca utilizados para promover discussões e reflexões em sala de aula.

Além disso, não podemos desconsiderar aspectos como os temas transversais, a multiculturalidade e a forma como os currículos dessas escolas se apresentam. Embora o tempo seja limitado, uma vez que o Mestrado Profissional exige o cumprimento de suas metas em um período de dois anos, torna-se necessário refletir e buscar atender, da melhor maneira possível, a esses elementos. Ainda que o e-book possa ser considerado, em certa medida, um material tradicional, sobretudo diante da grande quantidade de materiais semelhantes disponíveis em blogs educacionais na web, nossa intenção é criar um produto técnico o mais adequado possível às demandas dos educadores e, principalmente, dos educandos.

Nesse contexto, os temas transversais e a multiculturalidade assumem centralidade, pois contribuem para oferecer aos educandos uma formação mais plena, ampla, humana, crítica e solidária. Portanto, tais temas devem integrar este material, uma vez que, conforme ressalta Candau (2016, p. 804):

Relações étnico-raciais, questões de gênero e sexualidade, pluralismo religioso, relações geracionais, culturas infantis e juvenis, povos tradicionais e educação diferenciada, entre outros, são temas fortemente presentes na sociedade brasileira na atualidade. tais assuntos provocam debates, controvérsias e reações de intolerância e discriminação, assim como suscitam diversas iniciativas orientadas a trabalhá-las numa perspectiva direcionada à afirmação democrática, ao respeito à diferença e à construção de uma sociedade em que todos e todas possam ser plenamente cidadãos e cidadãs.

Essas temáticas sempre foram importantes de serem discutidas em sala de aula, independentemente da etapa de ensino. No entanto, mesmo em meados da década de 2020, especialmente nas escolas públicas, ainda se apresentam como assuntos delicados e difíceis de serem abordados, em razão de inúmeras questões, entre as quais podemos citar preconceitos, desinformação e, em alguns casos, fanatismos.

Apesar disso, não podemos deixar de desenvolver essas temáticas em sala de aula, sob o risco de incorrerem no que Candau (2016) denomina de “daltonismo cultural”, isto é, uma postura que impede o reconhecimento das diferenças culturais e dificulta o trabalho pedagógico com a diversidade. Tal postura acaba fortalecendo currículos que, na maioria das escolas, ainda se apresentam de forma tradicional, eurocêntrica e engessada.

Nesse contexto, o educador muitas vezes se vê deslocado do currículo, no sentido de apenas aceitar aquilo que está posto, sem ter participado efetivamente de sua organização, construção ou problematização. Sobre essa questão, Apple (1989, p. 49) expõe:

[...] há ainda um número considerável de educadores que vêem o currículo de uma nação, região ou escola como um corpo neutro de conhecimento. De acordo com essa visão, o currículo é constituído pelos fatos, habilidades e valores que "nós" selecionamos para transmitir às gerações futuras. Na verdade, há um fortalecimento dessa posição, em parte estimulado por uma renovada ênfase na organização do currículo em torno de um conteúdo central que todo cidadão deveria supostamente conhecer.

O termo “participação” está entre aspas porque, de acordo com minha experiência nas escolas, os currículos geralmente chegam como sugestões das mantenedoras, que os encaminham às equipes diretivas. Estas, por sua vez, devem reunir os professores para discutir tais documentos. No entanto, na maioria das vezes, o currículo é aceito exatamente como foi apresentado: as equipes diretivas apenas o reproduzem, inserem os dados da escola e o devolvem à mantenedora como se fosse o currículo próprio da instituição.

Sendo assim, nas escolas em que atuei, as discussões sobre currículo raramente foram pauta efetiva das reuniões pedagógicas. Em geral, recebíamos apenas uma listagem de conteúdos a serem trabalhados, apresentada sob o título de “sugestões de conteúdos”, mas que, na prática, era seguida rigorosamente. Muitas vezes, inclusive, havia preocupação e até certo desespero quando não conseguíamos “vencer” todos os conteúdos previstos ao longo do ano letivo.

É por isso que Lopes e Macedo (2011, p. 42) afirmam que:

O entendimento do currículo como prática de significação, como criação ou enunciação de sentidos, torna inócuas distinções como currículo formal, vivido, oculto. Qualquer manifestação do currículo, qualquer episódio curricular, é a mesma coisa, produção de sentidos. Seja escrito, falado, velado, o currículo é um texto que tenta direcionar o “leitor”, mas que faz apenas parcialmente.

Aqui, as autoras, após realizarem uma longa reflexão sobre os inúmeros teóricos do currículo, entre eles Michael Apple, demonstram que, nos últimos tempos, vêm sendo percebidas mudanças na organização dos currículos escolares, ainda que de forma incipiente. Também evidenciam que, mesmo em contextos marcados por currículos tradicionais, havia educadores que os extrapolavam, criando aulas com temas transversais e tornando seus estudantes mais críticos e conscientes diante de questões como preconceitos raciais e de gênero, desigualdades entre classes sociais e a situação precária da própria educação e de outras instituições fundamentais para a sociedade, como a saúde e a segurança.

Todas essas reflexões nos colocam em xeque enquanto nos preparamos para criar nosso produto técnico, pois não podemos deixar de, ao menos, sugerir aos educadores, por meio de nosso material, que extrapolem os currículos de suas escolas. Essa ampliação pode contribuir para que os educandos iniciem ou continuem desenvolvendo um pensamento crítico e reflexivo, respeitando sua maturidade, sobre os inúmeros temas que fazem parte de seu cotidiano. Desse modo, busca-se evitar que sejam apenas reprodutores de temas ou conteúdos inócuos, vazios e pouco significativos para sua formação cidadã.

Como se costuma dizer, “não precisamos reinventar a roda”. Ao falarmos em inovação de produtos técnicos em educação, podemos partir de didáticas e metodologias já utilizadas, atribuindo-lhes uma releitura que se adeque às novas gerações e, principalmente, ofereça novas perspectivas às gerações que denomino “al(nal)fabetizados da COVID-19”. Nesse

sentido, como afirma Boaventura de Sousa Santos, ao tratar do período de transição entre o paradigma em crise e o paradigma emergente:

Tal como noutros períodos de transição, difíceis de entender e de percorrer, é necessário voltar às coisas simples, à capacidade de formular perguntas simples, perguntas que, como Einstein costumava dizer, só uma criança pode fazer mas que, depois de feitas, são capazes de trazer uma luz nova à nossa perplexidade (Santos, 2008, p. 15).

Como expõe o autor, faz-se necessário retornar àquilo que já sabemos, ou que acreditamos saber, e atribuir novos significados a esse conhecimento. Trata-se, ainda, de encontrar novas direções para esse saber, formulando perguntas que antes talvez não tivéssemos considerado. Além disso, é fundamental reconhecer que a construção do conhecimento não é individual, mas coletiva. Mesmo quando se trata de um trabalho pessoal, precisamos dialogar com outros cientistas que já refletiram sobre a mesma temática e que, muitas vezes, encontraram respostas distintas. Em outras palavras, e ainda parafraseando Boaventura de Sousa Santos, é preciso imaginar uma ecologia de saberes que nos permita romper com a monocultura eurocêntrica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como exposto ao longo destas reflexões, as possibilidades de inovar e criar produtos técnicos são inúmeras, especialmente na área da Educação. Por isso, devemos estar sempre atentos às necessidades que esse campo apresenta, sem perder de vista que estamos trabalhando e criando para pessoas. Nesse processo, a subjetividade tanto do autor do produto quanto dos sujeitos para os quais ele é criado deve ser respeitada.

Além disso, a simplicidade dos produtos não significa que eles sejam simplistas. Embora existam inúmeras críticas ao uso de cartilhas e e-books, considerados por alguns autores como materiais defasados, concordamos apenas em parte com essa afirmação. Em grandes centros urbanos, tais materiais podem ser numerosos e, por vezes, repetitivos. No entanto, em pequenas cidades e em contextos marcados por especificidades locais, esses recursos ainda podem ser muito bem aproveitados, especialmente quando abordam a História e a Geografia local, conteúdos que, em geral, não são contemplados de forma aprofundada nos livros didáticos, os quais costumam apresentar aspectos mais gerais dessas disciplinas.

Também refletimos que, embora muitas vezes sejamos conduzidos a seguir currículos pré-estabelecidos, nem sempre construídos com reflexão e criticidade, os autores estudados nos mostram que, como educadores do “chão da sala de aula”, temos potência para transformar nossas práticas. Podemos e devemos contemplar temas transversais e aspectos multiculturais, mobilizando perspectivas críticas e pós-críticas presentes nos estudos sobre currículo. Afinal, o currículo pode ser compreendido como um “caminho” e, nesse sentido, cabe também aos educadores escolherem trajetórias mais significativas para conduzir os educandos na construção de uma sociedade mais justa.

Como já exposto, nosso produto técnico dedica-se a contemplar a História e a Geografia de São Borja, à luz do Documento Orientador Municipal (DOM), que prevê, em suas habilidades e competências, o estudo e a mediação de aspectos locais dessas disciplinas no quarto ano do Ensino Fundamental. Contudo, não temos a pretensão de considerá-lo uma panaceia para a mediação dos conteúdos de História e Geografia, mas sim uma entre muitas possibilidades de auxiliar educadores e educandos a refletirem sobre a realidade histórica e geográfica do município de São Borja/RS, sem deixar de contextualizá-la nos âmbitos global, nacional e regional.

Além disso, buscamos enfatizar o caráter interdisciplinar do material, propondo sugestões de articulação com outras disciplinas para além daquelas contempladas diretamente pelo produto. Dessa forma, pretende-se ampliar as possibilidades de uso pedagógico do e-book e fortalecer sua contribuição para práticas educativas mais contextualizadas, críticas e significativas.

Por fim, esperamos contribuir para que novos produtos técnicos sejam desenvolvidos, especialmente aqueles que contemplem as especificidades locais dos municípios e se direcionem aos anos iniciais do Ensino Fundamental. Defendemos que essa etapa da Educação Básica é fundamental para o desenvolvimento da reflexão, da criticidade, da postura ética e, acima de tudo, do respeito aos inúmeros sujeitos que compõem a sociedade. Esses sujeitos carregam uma imensa riqueza cultural, histórica e social, muitas vezes ocultada ou silenciada em nome de discursos como o da “democracia racial” ou da suposta “igualdade para todos”.

REFERÊNCIAS

APPLE, Michael W. Currículo e poder. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 46-58, jul./dez. 1989.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Cotidiano escolar e práticas interculturais. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 37, n. 135, p. 493-511, jul./set. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/198053143455>. Acesso em: 18 maio 2025.

FREIRE, Vitória da Silva. **Ensino de História nas Séries Iniciais**: refletindo sobre Datas Comemorativas. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2024.

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. **Teorias de currículo**. São Paulo: Cortez, 2011.

MATTOS, Max Cirino de; ASSUNÇÃO, Yluska Bambirra; BATISTA, Muira Helena. A teoria na prática: o conhecimento aplicado no desenvolvimento de produtos técnicos. *In*: VASCONCELOS, Fernanda Carla Wasner (org.). **Produtos técnicos como instrumento de divulgação científica**. Curitiba: Appris, 2020. cap. 1, p. 6-25.

MOROSINI, Marília; KOHLS-SANTOS, Pricila; BITTENCOURT, Zoraia. **Estado do conhecimento**: teoria e prática. Curitiba: CRV, 2021.

OLIVEIRA, Eleilde de Sousa. A educação a distância (EaD) e os novos caminhos da educação após a pandemia ocasionada pela Covid-19. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 6, n. 7, p. 52860-52867, jul. 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SILVA, Elvis Roberto Lima da. Materiais didáticos e as múltiplas linguagens no ensino de História dos anos iniciais. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH, 27., 2013, Natal. **Anais [...]**. Natal: ANPUH, 2013. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548874917_ee290c800682e0964894f6c07006ecf6.pdf. Acesso em: 18 maio 2025.

SOUZA, Marcelo Pereira. Perspectiva Quali-Quantitativa no método de uma pesquisa. *In*: ENCONTRO INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES; FÓRUM PERMANENTE DE INOVAÇÃO EDUCACIONAL, 11., 2018, Aracaju. **Anais [...]**. Aracaju: Grupo Tiradentes, 2018. Disponível em: <https://eventosgrupotiradentes.emnuvens.com.br/enfope/article/view/8668>. Acesso em: 01 jun. 2026.